



## **UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE LUTO E APOSENTADORIA**

A psychoanalytic perspective on the relationship between grief  
and retirement

**Lucas Felix Novaes<sup>a</sup>, Giovanna Vitória Ribeiro<sup>b</sup>.**

<sup>a</sup>Mestre em Ciências do Envelhecimento pela USJT, Especialista em Psicologia Clínica e Psicanálise pela PUC-PR, [lucasfelixn@gmail.com](mailto:lucasfelixn@gmail.com); <sup>b</sup>Graduanda em Psicologia pela UNINOVE, [giovannavitoriar24@gmail.com](mailto:giovannavitoriar24@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo investiga a aposentadoria como um marco significativo na vida dos homens, destacando sua importância além das questões práticas e financeiras, como uma transição que envolve profundas transformações emocionais e psicológicas. O objetivo da pesquisa foi compreender como a aposentadoria pode ser comparada a um processo de luto, em que o sujeito enfrenta a perda da identidade profissional e os desafios associados à redefinição de seu papel na sociedade. A partir de um estudo teórico baseado em uma revisão conceitual, o percurso metodológico ocorreu na seguinte ordem: uma introdução sobre a importância do trabalho na construção da identidade masculina, seguida pela discussão sobre a relação entre a identidade social e o trabalho, uma conceituação do luto e suas implicações psicanalíticas, e uma reflexão sobre a aposentadoria como um "luto não reconhecido." O referencial psicanalítico foi adotado como base para a discussão. Historicamente, a identidade dos homens está profundamente ligada ao papel de provedor, consolidado durante a Revolução Industrial. A aposentadoria representa uma ruptura desse papel, levando a sentimentos de vazio e desorientação. O estudo conclui que o reconhecimento social e cultural do luto associado à aposentadoria é essencial para ajudar os aposentados a encontrar novos significados e papéis sociais. A pesquisa incentiva uma maior investigação sobre o luto não reconhecido, promovendo um entendimento mais amplo de suas implicações psicológicas e sociais.

Palavras-chave: Aposentadoria. Luto. Identidade social. Psicanálise

### ABSTRACT

This article investigates retirement as a significant milestone in men's lives, highlighting its importance beyond practical and financial concerns, as a transition that involves deep emotional and psychological transformations. The aim of the research was to understand how retirement can be compared to a process of grief, in which the individual faces the loss of professional identity and the challenges associated with redefining their role in society. Based on a theoretical study grounded in a conceptual review, the methodological path followed his order: an introduction on the importance of work in the construction of male identity, followed by a discussion on the relationship between social identity and work, a conceptualization of grief and its psychoanalytic implications, and a reflection on retirement as an "unrecognized grief." The psychoanalytic framework was adopted as the basis for the discussion. Historically, men's identity has been deeply tied to the role of provider, solidified during the Industrial Revolution. Retirement represents a break from this role, leading to feelings of emptiness and disorientation. The study concludes that social and cultural recognition of the grief associated with retirement is essential to help retirees find new meanings and social roles. The research encourages further investigation into unrecognized grief, promoting a broader understanding of its psychological and social implications.

Keywords: Retirement. Grief. Social Identity. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

A aposentadoria representa um marco significativo na vida de qualquer indivíduo, um ponto de transição que envolve não apenas mudanças práticas e financeiras, mas também profundas transformações emocionais e psicológicas. Para muitos, o fim da carreira profissional não é apenas a cessação de uma atividade, mas também a perda de uma identidade construída ao longo de anos. Através do trabalho, as pessoas encontram não apenas uma fonte de sustento financeiro, mas também uma forma de realização pessoal e social, um meio de se conectar com a sociedade e de validar sua própria (1).

No contexto psicanalítico, a aposentadoria pode ser vista como um processo de luto, onde o indivíduo precisa lidar com a perda de sua identidade profissional e, conseqüentemente, com a perda de um importante componente de sua autoestima e autovalorização. Freud (2) já destacava a importância do trabalho como uma forma de sublimação, essencial para o desenvolvimento da civilização e para o equilíbrio psíquico do indivíduo. O trabalho, além de proporcionar segurança material, confere ao indivíduo um papel socialmente reconhecido, contribuindo para sua sensação de autonomia e integração social.

No entanto, a transição para a aposentadoria muitas vezes não é acompanhada pelo devido reconhecimento social e psicológico desse luto. A perda do trabalho pode desafiar uma garantia narcísica fundamental, deixando o indivíduo sem um lugar onde possa se sentir valorizado. Este "não fazer nada" no sentido profissional pode ser percebido como um vazio, uma identificação com o "nada", que pode ter profundas implicações para a saúde mental e o bem-estar do aposentado (3).

Assim sendo, este artigo busca explorar a aposentadoria sob a ótica psicanalítica, analisando como a perda da identidade profissional pode ser comparada a um processo de luto para os homens. Serão discutidas as dinâmicas inconscientes envolvidas nessa transição, as questões socioculturais envolvidas nesse processo e as estratégias que podem ser utilizadas pelos sujeitos para lidar com esse período de maneira saudável.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é um estudo teórico, baseado em uma revisão conceitual. Pesquisa teórica se ocupa da revisão de teorias, conceitos, ideais sociais e culturais, entre outros pilares, permitindo aprofundar e aperfeiçoar as discussões sobre um determinado tema (4).

O percurso metodológico foi construído da seguinte maneira: introdução acerca da importância do trabalho na realidade humana; discussão acerca da relação entre a identidade masculina e o trabalho; o conceito de luto e suas implicações; uma breve explanação a respeito do entendimento psicanalítico do luto, baseando-se na obra de Freud e Melanie Klein; e no último tópico, foram apresentadas algumas reflexões com o propósito de relacionar todos esses fatores com a aposentadoria. A teoria psicanalítica foi adotada como referencial teórico nas discussões. Além do mais, por se tratar de um trabalho teórico, optou-se por estruturá-lo em tópicos, a fim de obter uma melhor explanação das discussões propostas.

## **DISCUSSÃO**

### **O trabalho na identidade social masculina**

Sob uma perspectiva sócio-histórica, é possível afirmar que, a partir do surgimento do capitalismo e da Revolução Industrial no século XVIII, o trabalho se tornou um aspecto fundamental da vida humana nas sociedades ocidentais (5). Historicamente, o homem foi designado o papel de provedor, uma função que se consolidou com o desenvolvimento do capitalismo industrial. A responsabilidade de sustentar financeiramente a família não apenas conferia status e poder dentro do lar, mas também moldava a identidade masculina em torno de atributos como força, racionalidade e independência. Esse papel do provedor foi reforçado por normas sociais e culturais que valorizavam a capacidade dos homens de trabalhar e produzir economicamente (6).

O trabalho tornou-se, então, um elemento central na construção da masculinidade. Homens eram (e muitas vezes ainda são) avaliados pela sua capacidade de alcançar sucesso profissional e de manter uma posição econômica estável. Esta construção social da masculinidade associada ao trabalho foi, e ainda é reforçada através de diversas instituições sociais, incluindo a família, a escola e o mercado de trabalho (7).

A identidade social é um componente crucial da autoimagem e do senso de pertencimento de um indivíduo dentro de uma sociedade. Ela é formada através das interações sociais e das funções que a pessoa desempenha no coletivo. O trabalho, em particular, desempenha um papel central na construção dessa identidade, pois não só proporciona sustento financeiro, mas também confere status, propósito e uma posição definida dentro da estrutura social (8).

Segundo Berger e Luckmann (9) a criação e a manutenção das identidades são influenciadas por processos sociais definidos pelas estruturas sociais. Assim, a identidade social não se refere apenas aos indivíduos. Cada grupo possui uma identidade que está alinhada com sua definição social, o que o posiciona dentro do contexto social mais amplo. Dessa forma, a identidade social implica inclusão, uma vez que apenas aqueles que são semelhantes sob uma determinada perspectiva fazem parte do grupo, e exclusão, pois, sob o mesmo ponto de vista, eles são diferentes dos outros.

Essa centralidade do trabalho na vida dos homens tem profundas implicações psicológicas e sociais. Para muitos, a identidade é intrinsecamente ligada ao desempenho profissional, e qualquer ameaça a esse desempenho pode resultar em crises de identidade, ansiedade e depressão. A aposentadoria, desemprego ou incapacidade de trabalhar são frequentemente vividos como uma perda significativa de status e propósito, exigindo uma reconfiguração do próprio eu (10).

No contexto contemporâneo, a construção do papel social masculino enfrenta novos desafios. A evolução das dinâmicas familiares, a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças nas expectativas sociais sobre gênero e masculinidade exigem uma reavaliação dos papéis tradicionais. Homens estão cada vez mais buscando equilibrar o papel de provedor com outras facetas de suas identidades, incluindo a participação ativa na vida doméstica e familiar (11).

Essa transformação pode ser positiva, proporcionando uma visão mais holística e equilibrada da masculinidade. No entanto, também pode gerar conflitos internos e externos, à medida que os homens tentam navegar entre as expectativas tradicionais e modernas.

### **O Conceito de Luto**

O luto é definido como a perda de uma conexão significativa entre uma pessoa e seu objeto, sendo, portanto, um fenômeno mental natural e contínuo ao longo do desenvolvimento humano. Dado que é um evento constante, ele afeta diretamente o trabalho de profissionais de saúde, tornando essencial o conhecimento para fornecer apoio adequado àqueles que enfrentam a perda. A noção de luto, portanto, não se restringe apenas à morte, mas envolve o enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas ao longo do desenvolvimento humano. Assim, pode ser experienciado através de perdas que atravessam dimensões físicas e psíquicas, como vínculos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares de um indivíduo (12).

Podemos entender, que esse sentimento é uma reação normal em resposta ao estresse devido ao rompimento de uma relação significativa. Com isso, se caracteriza pela expressão do descontentamento para a privação e perda de alguma pessoa, ou objeto, considerado essencial e que fora anteriormente oferecido. Nesta representação, estão envolvidos dois personagens: um que é perdido e outro que lamenta esta falta. Sendo assim, só existe luto quando tiver existido um vínculo que tenha sido rompido (13).

O luto é frequentemente associado à morte, entretanto, representa não apenas uma perda tangível, mas também diversos eventos que ocorrem ao longo da vida, sejam eles reais ou simbólicos. Ele envolve uma reorganização interna que se manifesta pela ausência de algo importante para o indivíduo. Além disso, pode começar em situações em que a morte resulta numa perda significativa ou em cenários onde, mesmo sem uma morte literal, o impacto é semelhante ao da morte (14).

De acordo com Bowlby (14), embora seja uma experiência dolorosa por envolver abstração, o luto é essencial porque lida com a elaboração dessa perda. O processo de luto mobiliza as emoções devido à ruptura de laços formados em relações de apego. Essa dinâmica pode causar abalos psicológicos em quem está enlutado, pois envolve o rompimento de vínculos afetivos anteriormente construídos.

Em conformidade, Parkes (13) reitera que os fatores psicológicos também influenciam a maneira como a perda é compreendida. Segundo o autor, o luto é uma resposta natural a uma ruptura significativa, que gera descontentamento pela sensação de falta de algo essencial que antes estava disponível. Além disso, o autor ressalta que o medo está associado à ausência de um mundo familiar, seguro e confiável, que se vai junto à perda do objeto amado.

### **O Luto na Psicanálise**

O luto é um tema central na psicanálise, em seu ensaio "Luto e Melancolia" (1917), Freud (15) introduziu a distinção entre luto e melancolia, oferecendo uma análise profunda dos processos mentais envolvidos no luto. Freud

descreveu o luto como uma reação natural e saudável à perda de um objeto amado, onde o indivíduo gradualmente se desvincula emocionalmente da perda e reintegra essa energia psíquica em novos vínculos e interesses. Para ele, o luto é um processo consciente e finito, permitindo que a pessoa se adapte à nova realidade sem o objeto perdido.

No entanto, Freud (15) contrastou o luto com a melancolia, que considerou um estado patológico. Na melancolia, o indivíduo experimenta uma perda mais profunda e inconsciente, que resulta em uma autoavaliação negativa e sentimentos de desvalorização. Freud observou que, na melancolia, a perda é internalizada, e o sujeito dirige a agressividade para dentro, levando a um conflito intrapsíquico entre o eu e a representação do objeto perdido. Essa condição se caracteriza por um profundo desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar e uma diminuição da autoestima.

Melanie Klein, por sua vez, ofereceu uma perspectiva complementar em "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos" (16). Klein expandiu a compreensão do luto ao explorá-lo no contexto de suas teorias sobre as posições esquizo-paranoide e depressiva. De acordo com ela, o luto não se limita apenas à perda de pessoas amadas, mas também envolve a perda de objetos internos e fantasias inconscientes que ocorrem desde a infância. Ela destacou como o luto está intrinsecamente ligado à posição depressiva, na qual o indivíduo enfrenta a realidade da separação e da ambivalência em relação aos objetos amados.

Klein (16) argumentou que a capacidade de atravessar o luto e resolver a posição depressiva é crucial para o desenvolvimento emocional saudável. Em sua visão, os estados maníaco-depressivos representam uma tentativa de reparar o dano percebido aos objetos internos e restabelecer o equilíbrio emocional após uma perda.

A compreensão do luto através das lentes da psicanálise, conforme explorada por Freud e Klein, nos proporciona uma visão profunda sobre a maneira como processamos perdas conscientes e inconscientes. Contudo, nem todos os lutos recebem o mesmo reconhecimento ou validação social. Existem formas de luto

que permanecem nas sombras, desvalorizadas ou ignoradas pela sociedade, mas que ainda exercem um impacto significativo sobre o indivíduo. Esses "lutos não reconhecidos" desafiam nossa percepção convencional de perda e nos convidam a expandir nossa compreensão sobre o que significa realmente lidar com a ausência. No próximo tópico, exploraremos esses lutos não reconhecidos, revelando como eles afetam a vida emocional e social dos indivíduos e como podem ser abordados dentro de um contexto psicanalítico

### **Lutos não reconhecidos**

O luto é uma experiência única e não deve ser generalizado, pois cada situação de perda é diferente. Segundo Worden (17), ele envolve diversas reações que podem ser divididas em componentes emocionais, físicos, cognitivos e comportamentais. Esses incluem sentimentos como tristeza e raiva, sensações físicas como aperto no peito e falta de ar, aspectos cognitivos como confusão e descrença, além de comportamentos como isolamento social e alterações no sono. Essas reações variam entre as pessoas, destacando a natureza pessoal e individual do luto

Porém, classificar o luto apenas com base nas reações físicas pode ser perigoso, pois pode levar à patologização de um processo que é, por definição, uma resposta saudável e esperada a uma perda significativa. O luto permite que os indivíduos se ajustem emocionalmente à ausência de alguém ou algo importante em suas vidas. Encarar essa experiência como um distúrbio médico pode invalidar as emoções dos enlutados e impor padrões irrealistas sobre como e quando devem "superar" sua dor. Isso corre o risco de estigmatizar aqueles que estão passando pelo luto, fazendo-os sentir-se isolados ou envergonhados por suas reações emocionais e dificultando a busca de apoio (18).

Além disso, para Casellato (18), ver o luto como patológico pode ignorar os "lutos não reconhecidos," que são perdas não validadas social ou culturalmente, como a perda de um animal de estimação, o término de um relacionamento ou a perda de um emprego. Esses tipos de luto podem ser minimizados ou desconsiderados pela sociedade, fazendo com que o enlutado



sinta que sua dor não é legítima ou digna de atenção. O luto é uma experiência altamente individual e complexa, e impor uma norma clínica pode desconsiderar a profundidade das emoções envolvidas e a legitimidade de cada tipo de perda.

O conceito de luto não reconhecido abrange perdas que não recebem validação ou reconhecimento social. Kammerman e Doka (19) introduziram essa ideia para descrever situações em que a dor da perda não é abertamente expressa ou lamentada, devido às "regras do luto" de cada sociedade, que determinam quem pode expressar tristeza e por quanto tempo.

Ademais, grupos como idosos, crianças, pessoas em sofrimento mental, cuidadores e profissionais de saúde também podem vivenciar lutos não reconhecidos, já que sua capacidade de sentir e expressar luto é frequentemente subestimada. Isso ressalta a importância de reconhecer a legitimidade de todas as formas de perda e fornecer apoio adequado a todos os enlutados, independentemente de sua situação (20). Com isso, podemos compreender que vivenciar um luto sem um espaço seguro e saudável para expressar nossa perda, pode causar uma maior dificuldade na elaboração desta (21).

O luto não reconhecido socialmente pode complicar significativamente o processo de superação da perda, pois o enlutado enfrenta normas rígidas sobre como deve se comportar. A falta de empatia e compreensão por parte da sociedade impede que a pessoa encontre um espaço adequado para expressar seu sofrimento, dificultando a reestruturação pessoal e a atribuição de um novo significado à perda. Isso pode levar a consequências físicas e psicológicas graves, incluindo comportamentos autodestrutivos e até suicídio. A sociedade, ao exigir rapidez e positividade, muitas vezes ignora a necessidade de tempo, solidão e introspecção no processo de luto, o que agrava ainda mais o sofrimento do indivíduo, impedindo mudanças necessárias na vida pessoal (22, 23).

Dessa forma, ao refletirmos sobre o conceito de luto não reconhecido, podemos notar que as perdas relacionadas à aposentadoria podem ser

classificadas como um destes. Esta etapa, marca o fim de uma carreira e, muitas vezes, a perda de identidade e propósito que o trabalho proporcionava. Quando esse aspecto da vida é subitamente alterado ou removido, os indivíduos podem enfrentar uma sensação de vazio e desorientação.

### **O Luto e a Aposentadoria**

Bauman (24), observa que o trabalho, anteriormente situado no campo das relações interpessoais, passou a ter um significado mais voltado para a estética e o individualismo, alinhando-se a uma nova ética de busca por gratificação pessoal e competitividade. Dessa forma, o ambiente de trabalho se transforma em um palco onde os indivíduos são pressionados a demonstrar uma capacidade produtiva excepcional, frequentemente marcada por um desempenho que é valorizado além do necessário.

Com isso, para Freud (25), o trabalho pode ser considerado uma forma de deslocamento libidinal, seja ele narcísico, agressivo ou erótico, e é um componente indispensável para a sustentação e justificativa da existência da sociedade. Para que esse deslocamento da libido traga satisfação ao indivíduo, a escolha da atividade profissional deve ser feita livremente. No contexto da aposentadoria, o término da carreira pode ser sentido como uma forma de luto, pois a satisfação encontrada no exercício do trabalho escolhido é interrompida. Isso impossibilita que o indivíduo continue a reorganizar suas pulsões através da esfera profissional, levando a um desafio significativo na busca por novos propósitos e na adaptação a essa nova fase da vida.

O trabalho desempenha um elemento central da identidade masculina, saciando psiquicamente e socialmente o sujeito, fornecendo um papel ao homem dentro da sociedade. A ruptura deste papel, pode resultar em uma perda ambígua, caracterizadas pelas suas inquietudes e dificuldades em processar o luto (26).

Por outro lado, há o ganho ambíguo, que tanto motiva quanto desafia o homem a permanecer em um contexto ao qual ele não está acostumado, cujas normas ele pouco compreende e cuja lógica raramente favorece o que sustentou sua

identidade masculina no trabalho. Isso significa que, por um lado, o indivíduo pode desfrutar de novas oportunidades, mas, por outro, pode sofrer com o ciclo que se encerrou, resultando em sofrimento. Afinal, há um processo de perda em que ele está inserido, onde é necessário renunciar a um objeto amado que continuará existindo: o trabalho (22).

A aposentadoria não se trata apenas de uma transição individual, mas também coletiva, onde o sujeito necessita se adaptar a um novo contexto, abandonando aquela dinâmica do trabalho que havia sido experienciado durante um longo período da vida. Pode-se compreendê-la como uma transição psicossocial, onde ocorre a perda de um aspecto central da identidade: o trabalho e/ou profissão, que eram acompanhados por uma rotina de vida, uma maneira de se vestir e falar, um status, reconhecimento, relacionamentos, ambiente e um papel na sociedade (27).

O processo da aposentadoria revela a finitude existente em ciclos da vida, onde algo acaba, para algo novo se iniciar. A lógica do trabalho se constitui em desenvolver aspectos das identidades sociais, e o fim disso (aposentadoria) pode desencadear questionamentos e reflexões sobre o próprio Eu do sujeito. Essa porta de novas possibilidades, também é acompanhada por um sentimento de perda, afinal, esse processo envolve mudanças, tendo ganhos, benefícios e perdas, e por conseguinte o luto, onde o sujeito se depara com um objeto amado – o trabalho - que foi perdido (27).

França e Soares (28) afirmam que enfrentar a transição para a aposentadoria sem preparação pode ter diversos impactos negativos no indivíduo, pois durante essa transição, é comum que as pessoas experimentem uma redução em seu padrão de vida financeira e enfrentem desafios sobre como preencher o tempo livre.

Portanto, o luto pode surgir de qualquer situação que demande o rompimento de um vínculo afetivo, incluindo o término de um estado ou ciclo de vida, mesmo que essa condição não seja reconhecida socialmente. A aposentadoria pode ser vista como um período de luto, pois envolve o rompimento de vínculos, mudanças de significado e perdas. As características de

personalidade do indivíduo, juntamente com seu histórico de vida e os recursos disponíveis para lidar com perdas, influenciarão sua experiência nesse processo (22).

Diante dos impactos da aposentadoria e dos sentimentos negativos que essa fase pode desencadear, é importante que o indivíduo, após passar pelo desligamento gradual do trabalho e enfrentar os conflitos decorrentes disso, se volte para novos interesses e projetos. Ao buscar novos objetivos e atividades, ele pode ressignificar sua relação com o mundo e, assim, transformar o processo de perda em uma experiência de luto bem-sucedido.

Neste contexto, a aposentadoria não é apenas uma mudança prática, mas uma transição emocional e psicológica que exige adaptação. O apoio social, o planejamento financeiro e o desenvolvimento de novas atividades significativas são fundamentais para ajudar os aposentados a lidar com o luto associado a essa nova fase de vida. Sendo assim, reconhecer a aposentadoria como um momento de luto pode facilitar o desenvolvimento de estratégias para enfrentar essa transição com maior resiliência e satisfação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aposentadoria representa uma transição emocional e psicológica complexa que demanda uma nova forma de identificação pessoal e social. A partir da perspectiva psicanalítica, podemos compreender a aposentadoria como um tipo de luto que envolve a perda da identidade profissional e, muitas vezes, de um status social que foi construído ao longo de décadas. Assim, ela é marcada por uma reconfiguração do self e pela necessidade de encontrar novos significados e propósitos na vida cotidiana.

A identidade dos homens está intrinsecamente ligada ao trabalho, função que foi reforçada por normas sociais e culturais desde a Revolução Industrial, quando o homem assumiu o papel de provedor. Esse papel foi consolidado pelo modelo do capitalismo industrial, conferindo ao trabalho um status central na construção da identidade masculina. Com isso, a retirada deste componente essencial pode levar a sentimentos de vazio, desorientação e perda de propósito. Este artigo destacou como a aposentadoria pode ser comparada a

um processo de luto, onde a perda do trabalho representa um desafio narcísico e uma ruptura significativa na vida dos indivíduos.

No entanto, é crucial que essa transição seja reconhecida e apoiada socialmente. O reconhecimento da aposentadoria como uma forma de luto não só valida a experiência dos aposentados, mas também abre espaço para intervenções que podem auxiliar nesse processo. Desta maneira, o reconhecimento social e cultural desse luto pode permitir que os aposentados expressem suas perdas e descubram novas formas de participação social, promovendo um entendimento mais amplo de que o valor e o papel do indivíduo na sociedade vão além do trabalho.

## REFERÊNCIAS

1. Cunha NA da, Scorsolini-Comin F, Marin RC. Intervenções psicológicas no processo de aposentadoria: revisão integrativa da literatura brasileira. PSSA [Internet]. 2021 [Acesso em 31 de julho de 2024];13(1):3-18. Disponível em: <https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1012>
2. Freud S. O Mal-estar na Civilização (1930). In: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936) Obras completas. 2010.
3. Kegler P, Medeiros M, Macedo K. A Vivência da Aposentadoria Masculina: Enlaces entre Trabalho e Narcisismo [Internet]. In Anais da IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS.2009. Disponível em: [https://editora.pucrs.br/anais/IVmostra/IV\\_MOSTRA\\_PDF/Psicologia/72097-PAULA\\_KEGLER.pdf](https://editora.pucrs.br/anais/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Psicologia/72097-PAULA_KEGLER.pdf)
4. Demo, P. Metodologia do conhecimento científico. 2000.
5. Enriquez E. O trabalho, essência do homem? O que é o trabalho?. Cad. Psicol. Soc. Trab. [Internet]. 2014 [Acesso em 31 de julho de 2024];17(spe1):163-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/80645>
6. Oliveira CD de. O declínio do homem provedor chefe de família: entre privilégios e ressentimentos. Rev. Crit. Hist. [Internet]. 2022 [Acesso em 31 de julho de 2024];11(22):202-28. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11234>
7. Connel RW. La organización social de la masculinidad. Masculinidades poder y crisis. 1997

8. Castells M. O Poder Da Identidade. In: O poder da identidade. 1999.
9. Berger, P.; Luckman T (2010). A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Vol. 1, Vozes. 2010.
10. Amaral LDBC, Torres TL. Representação social da aposentadoria para professores universitários. *Psicologia e Saber Social*. 2018 [Acesso em 1 de agosto de 2024];6(2). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/23594>
11. Aparecida ACB, Albiero, CE, Machado, ACM. O papel social da mulher na família: reflexões na contemporaneidade. *Humanidades em Perspectivas [Internet]*. 2023 [Acesso em 1 de agosto de 2024];7(16):109–19. Disponível em <https://cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/2638>
12. Cavalcanti AKS, Samczuk ML, Bonfim TE. O Conceito Psicanalítico do Luto: Uma Perspectiva a Partir de Freud e Klein. *Psicólogo inFormação*. 2013;17(17).
13. Parkes, CM. Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta (M.H.P. Franco, Trad). 1998.
14. Bowlby J. Formação e Rompimentos dos Laços Afetivos. Martins Fontes. 2001.
15. Freud S. Luto e Melancolia (1917). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. 2006.
16. Klein M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: MELAINE KLEIN: AMOR CULPA REPARAÇÃO E OUTROS TRABALHOS 1921-1945. 1935.
17. Worden, JW. Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental. 1998.
18. Casellato, G. Luto por perdas não legitimadas na atualidade. 2020.
19. Kamerman J, Doka KJ. Disenfranchised Grief: Recognizing Hidden Sorrow. *Contemporary Sociology*. 1991;20(1).
20. Daversa MCA. PSICOTERAPIA COMO SUPORTE EMOCIONAL EM SITUAÇÕES DE LUTO NÃO RECONHECIDO. *Rev. Contemp. [Internet]*. 2023 [Acesso em 1 de agosto de 2024];3(11):22004-2. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1972>

21. Kovács MJ. Educação para a morte. *Psicolciencprof* [Internet]. [Acesso em 4 de agosto de 2024] 2005;25(3):484–97. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>
22. Casellato, G; et al. O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido. 2015.
23. Rocha APC, Fonsêca LC da, Sales RL. DIALOGANDO SOBRE A MORTE COMO FORMA DE PREVENÇÃO DO LUTO MAL ELABORADO. *RPS* [Internet]. 2019 [Acesso em 2 de agosto de 2024];8(12):31-50. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1054>
24. Bauman Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2001.
25. Freud, S. *Mal Estar na Civilização* (1930). In: *Obras Completas*, Vol. XVIII. 2010.
26. Boss P. *Ambiguousloss: learning to live withunresolvedgrief*. Cambridge: Harvard University Press; 1999.
27. Antunes MH, Parizotto AP. Reflexões sobre a aposentadoria: Contribuições a partir das experiências de professores aposentados. *Psicologia Argumento* [Internet]. 2013[Acesso em 12 de agosto de 2024];31(75):769-779. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20631/19873>
28. França LHFP, Soares DHP. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2009 [Acesso em 10 de agosto de 2024];29(4):738-751. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PSPnS6JFDmX453bF6ZDtR9d/abstract/?lang=pt>